

A OBSERVAÇÃO COMO INSTRUMENTO QUALITATIVO - UMA EXPERIÊNCIA

MARINELA ROSA*

" *Observa verdadeiramente, e viverás.*

DAMAS E KETELE, 1985

I. INTRODUÇÃO

Segundo Ketele (1980) observar é um processo que inclui a atenção voluntária e a inteligência, orientado por um objectivo terminal ou organizador e dirigido sobre um objecto para dele recolher informações.

A observação é um processo orientado por um objectivo terminal ou organizador do próprio processo de observação. É um processo cuja função imediata consiste em recolher informações sobre o objecto tomado em consideração, em função do objectivo organizador.

A observação será um objectivo a procurar ou uma atitude a desenvolver: aprender a observar, desenvolver o sentido da observação. Considerada como método pedagógico e um importante

instrumento de análise qualitativa na investigação em educação.

Segundo Beslay (1969) a observação é um processo pedagógico que consiste em pôr o aluno em contacto com os objectos que vão, pela percepção directa, permitir a apreensão imediata dos dados.

Assim, no sentido restrito a observação designa tanto quanto possível, o resultado codificado do simples acto de observar. No sentido lato, a observação será o resultado codificado do acto de observar seguido do acto de interpretar pressupondo a referência a um quadro teórico.

II. TIPOLOGIA DA OBSERVAÇÃO

1. As funções da observação - O Porquê:

Cinco funções podem presidir à criação ou à utilização de um instrumento de observação: descritiva, formativa, avaliativa, heurística ou invocada, provocada.

1.1. Função descritiva

Observa-se para descrever os fenómenos ou uma situação. A descrição e a classificação do comportamento são um preliminar necessário à sua análise.

* Docente da ESE de Beja

1.2. Função formativa

Observa-se para RETROAGIR e retroage-se para FORMAR.

1.3. Função avaliativa

Nesta perspectiva OBSERVA-se para AVALIAR, avalia-se para DECIDIR, decide-se para AGIR. A acção é submetida à avaliação para uma nova tomada de decisão...

1.4. Função heurística

Quando a actividade é orientada para a emergência de hipóteses pertinentes que serão submetidas ulteriormente a actividades de verificação.

1.5. Função de verificação

Uma situação é provocada, procurada ou manipulada, a fim de verificar uma hipótese.

2. O autor da observação: Quem observa?

O observador é independente quando observa um grupo sem nele se integrar.

O observador é participante quando se integra no grupo e na vida deste, embora seja importante diferenciar as suas diversas formas:

- a observação participante passiva em que o observador participante entra no jogo, observa, mas não toca em nada...
- a observação participante activa em que o observador desempenha funções efectivas susceptíveis de modificar radicalmente certos aspectos da vida do grupo.

No processo de ensino-aprendizagem a observação do professor-observador é uma observação participante-activa que visa uma modificação

dos aprendizes. Que a observação seja independente ou participante, o observador pode ser percebido ou não percebido como observador. Aqui temos o problema das reacções dos indivíduos ao facto de serem observados.

3. O objecto da observação - Observar o quê?

3.1. A observação pode incidir sobre factos ou, pelo contrário, sobre representações:

- a observação incide sobre factos quando orienta a sua atenção para características da situação, sobre comportamentos, ou sobre interacções entre as pessoas.

3.2. A observação pode ser atributiva ou, pelo contrário, narrativa:

- no tipo de observação atributiva, o esforço incide sobre o que pode ser afirmado ou negado do objecto a observar.
- na narrativa quando aplica a sua atenção sobre o desenrolar das acções, sobre os efeitos da acção.

3.3. A observação pode ser alopectiva ou, pelo contrário, introspectiva:

- a observação alopectiva dá-se quando a observação de um sujeito ou de uma situação é conduzida por outrém.
- na introspectiva observa-se o sujeito ou uma situação em que o próprio sujeito está implicado.

4. O grau de interferência

- A observação de interferência fraca, o observador enuncia escrupulosamente o que vê ou o que ouve, sem cuidar da significação que estes factos revestem.

- A observação de interferência forte em que o observador atribui uma significação ao que observa, enuncia quer intenções, quer motivos, quer sentimentos...

5. O tipo de anotação

- Imediata quando segue directamente a observação do comportamento ou do objecto.
- A anotação será diferida quando um tempo mais ou menos longo separa a observação da anotação.

6. A situação da observação

- A situação é natural quando os sujeitos se encontram no seu quadro de vida "habitual" ou "familiar".

7. O grau de liberdade deixada à observação

A observação tende a ser sistemática quando satisfaz as seguintes condições:

- emprego de processos coerentes e repetíveis;
- definição das condições da observação (standardização);

9. Quadro-Resumo: Tipologia da Observação

PARÂMETROS

Funções da Observação:

Autor da Observação:

- emprego de técnicas rigorosas.

O espírito científico não se reduz à capacidade de utilizar processos sistemáticos de observação e de experimentação. Caracteriza-se por:

- definir o problema e os objectivos a procurar;
- escolher os meios adequados para os realizar;
- ser consciente dos limites da observação;
- discernir a esfera de generalização dos seus resultados.

8. O momento da observação

- A observação é longitudinal quando for conduzida com o fim de descobrir os comportamentos dos sujeitos em função da dimensão temporal.
- A observação é transversal quando visa oferecer um quadro suficientemente representativo dos comportamentos do sujeito durante um dado período, em face de uma situação mais ou menos bem circunscrita.

DISTINÇÕES

A observação pode ser:
 descritiva, formativa, avaliativa, heurística, de verificação.

O observador pode ser:
 - independente vs. dependente
 - percebido vs. não-percebido como observador.

Objecto da Observação:

- A observação pode ser:
- incidir sobre factos vs. representações
 - ser atributiva vs. narrativa
 - ser alospectiva vs. introspectiva.

O Grau de Inferência:

- O nível de inferência da observação pode ser:
- fraco vs. elevado

A Anotação:

- A anotação da observação pode ser:
- imediata vs. diferida
 - directa vs. mediatizada

A Situação de Observação:

- A situação de observação pode ser:
- criada vs. natural
 - manipulada vs. não-sistemática

O Grau de Liberdade deixada à observação:

- A observação pode ser:
- sistemática vs. não-sistemática

O Momento da Observação:

- A observação pode ser:
- longitudinal vs. transversal

III. A OBSERVAÇÃO NAS ABORDAGENS QUALITATIVAS

Algumas Vantagens:

A observação é utilizada como principal método de investigação nas abordagens de pesquisa educacional, bem como associada a outras técnicas de recolha de dados.

- Possibilita um contacto pessoal e estreito do observador com o fenómeno observado ou a observar, permitindo que o observador se aproxime da "perspectiva do sujeito";
- o observador acompanha in loco as experiências diárias do(s) sujeito(s);

- o observador pode recorrer aos conhecimentos e experiências pessoais como auxiliares no processo de compreensão do fenómeno estudado ou a estudar;
- a observação permite também uma recolha de dados em situações em que pode não ser possível outras formas de comunicação (por exemplo quando o informante não pode falar - caso dos bebés) ou, ainda quando a pessoa não quer deliberadamente fornecer certo tipo de informação por motivos diversos;
- desempenha um papel importante nos processos observacionais, no contexto da descoberta, sendo um ponto de partida da investigação social.

Algumas Limitações:

As técnicas de observação apresentam algumas limitações entre as quais se destacam as seguintes:

- o observado tende a criar impressões favoráveis ou desfavoráveis ao observador;
- factores imprevistos podem interferir na tarefa do observador;
- a duração dos acontecimentos é variável, tornando por vezes difícil a recolha de dados;
- alguns aspectos da vida quotidiana podem não ser acessíveis ao observador;
- pode provocar alterações no ambiente ou no comportamento das pessoas observadas;
- um envolvimento grande por parte do observador pode levar a uma visão distorcida do fenómeno ou a uma representação parcial da realidade;
- é um método que se baseia muito na interpretação pessoal.

IV. CONTEÚDO DAS OBSERVAÇÕES

O observador ao determinar as finalidades específicas do estudo, inicia a recolha de dados procurando sempre manter uma perspectiva de totalidade e não se desviar dos seus focos de interesse.

Para isso ser-lhe-á particularmente útil que oriente a sua observação em torno de alguns aspectos, de modo a que não obtenha um amontoado de informações irrelevantes nem que deixe de obter alguns dados que possibilitem uma análise mais completa do problema.

Segundo Bogdan e Biklen (1982), o conteúdo das observações deve envolver uma parte descritiva das anotações e uma parte reflexiva que são apresentadas como directrizes gerais que podem orientar a selecção do que observar e ajudar na organização dos dados.

A. Parte Descritiva:

- descrição dos sujeitos - aparência física, sua maneira de vestir, de falar e de agir; outros aspectos que os distinguem dos outros.
- reconstrução de diálogos - as palavras, os gestos, os depoimentos, as observações feitas entre os sujeitos ou entre estes e o observador, devem ser registados. As citações são úteis para analisar, interpretar e apresentar dados.
- descrição de locais - o ambiente onde é feita a observação deve ser descrito. O uso de desenhos ilustrando o espaço físico, a apresentação visual do quadro, dos cartazes, podem também ser elementos importantes a registar.
- descrição de acontecimentos - as anotações devem incluir o que ocorreu, quem estava envolvido e como se deu esse envolvimento.
- descrição das actividades - devem ser descritas as actividades gerais e os comportamentos das pessoas a observar.
- os comportamentos do observador - é importante que o observador inclua nas suas anotações as suas atitudes, acções e conversas com os participantes durante o estudo.

B. Parte Reflexiva:

Inclui as observações pessoais do observador feitas durante a fase de re-

colha: problemas, sentimentos, ideias, impressões, dúvidas, pré-concepções, incertezas, surpresas,...

As reflexões podem ser de vários tipos:

- reflexões analíticas - referem-se a temas que podem estar a emergir, associações e relações entre partes no estudo, novas ideias surgidas.
- reflexões metodológicas - estão envolvidos os procedimentos e estratégias metodológicas utilizadas, as decisões sobre o estudo, os problemas encontrados na obtenção dos dados e a forma de resolvê-los.
- dilemas éticos e conflitos - questões surgidas no relacionamento do observador com o(s) sujeito(s) observado(s).
- mudanças na perspectiva do observador - é importante que se anatem expectativas, opiniões, preconceitos e conjecturas do observador e a sua evolução durante o estudo.
- esclarecimentos necessários - as anotações devem conter pontos a serem esclarecidos, aspectos que pareçam confusos, relações a serem explicitadas.

V. REGISTO DAS OBSERVAÇÕES

Há muitas formas de registar as observações. Alguns observadores apenas fazem anotações escritas, outros combinam estas anotações com material transcrito de gravações e, outros ainda, registam os acontecimentos através de filmes, fotografias, diapositivos, registos em vídeo. Evidentemente que não há regras para fazer as anotações, mas sim

sugestões práticas, que podem ser úteis ao observador. Quando, como e onde fazer as anotações?

- **quando devem ser feitas as anotações** - quanto mais próximas do momento de observação maior a sua acuidade; dependendo do papel do observador e das suas relações com o grupo a observar.

Se o observador é participante pode encontrar mais dificuldades a fazer anotações escritas no momento da observação porque pode comprometer a interação com o grupo. Assim, o registo dos acontecimentos em vídeo, filme, poderá facilitar ao observador as anotações do fenómeno observado pois que pode evitar algum esquecimento na medida em que o acontecimento pode ser visto mais que uma vez para clarificar e explicitar alguma dúvida surgida relativamente ao fenómeno em estudo.

- **como registar os dados** - a forma de registo dos dados é variável dependendo da situação específica de observação. É interessante que o observador faça as suas anotações escritas indicando o dia, a hora, o local de observação e o seu período de observação; ou ainda o observador também poderá registar os acontecimentos através de meios audio-visuais, embora com possíveis inconvenientes como por exemplo não registar momentos relevantes para a observação porque o foco de observação está a ser outro momento.

Sempre que possível deve-se deixar bem distinto, em termos visuais, as informações essencialmente descritivas, as citações, os diálogos e as observações pessoais do observador.

- onde serão feitas as anotações - a decisão sobre o tipo de material a utilizar depende muito do estilo pessoal de cada observador.

VI. OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE - UMA EXPERIÊNCIA

Consiste na participação real do observador com o grupo ou comunidade. O observador integrar-se-á no grupo, confundindo-se com ele. Fica tão próximo quanto o membro do grupo que se estuda e participa das actividades normais do grupo.

Será, portanto, uma tentativa de colocar o observador e o observado do mesmo lado a vivenciar com o grupo e a trabalhar nas mesmas tarefas.

A observação participante pode definir-se como uma técnica de observação directa, desarmada e de características ecológicas, orientada para a formulação de interferências a comprovar por entrevista aos sujeitos observados. Assim, podemos limitar o enquadramento desta recolha de dados por observação participada na medida em que se oriente para a observação de fenómenos, tarefas ou situações específicas nas quais o observador encontra-se centrado; tal como se pode ver no registo em video, como uma tentativa de apresentar uma experiência no âmbito da observação na formação de professores.

Ficha Síntese da Observação

Disciplina: Hortofloricultura

Nº de alunos presentes: 12

Ano: 7º unificado

Tempo de observação: 9h15m às 12h30m

A. Elementos fornecidos pelo professor antes da aula

Objectivos:

- despertar nos alunos o respeito pela vida das abelhas
- permitir ao aluno o contacto in loco com os apiários

- utilizar os materiais necessários para fabricar o mel

- valorizar a apicultura.

Estratégia:

- aula dada no campo;
- contacto directo com os meios e materiais utilizados em apicultura.

Avaliação:

- diálogo com os alunos.

Relatório:

- relatório a apresentar pelos alunos.

Plano de aula:

- Tema: Apicultura
- Objectivos: observar as colmeias e utilizar os meios necessários na valorização da apicultura.
- Motivação: os alunos estão estimulados na medida em que o estudo das abelhas lhes desperta sempre curiosidade na aprendizagem.

- Meios e Métodos: partindo de um levantamento de conhecimentos, os alunos contactam directamente no campo com os meios para posterior fabrico do mel.

B. Descrição

O professor dirige-se com um pequeno tractor e os alunos dirigem-se a pé para a área de terreno da escola onde se localiza o apiário. Vestem posteriormente os fatos especiais (só existem 5) e que são distribuídos de acordo com a classe: 3 alunos + 1 professor + 1 observador.

Os alunos aceitam facilmente o observador como fazendo parte do grupo; nada se evidencia facilitando a integração do observador.

Os restantes nove alunos observam à distância as tarefas nas colmeias com uma atitude participativa.

Após a aula de campo os alunos dirigem-se para uma sala a fim de se proceder à preparação do mel.

Todos os alunos querem participar activamente no desenrolar das tarefas. Alguns querem assumir o papel de líderes. O professor chama a atenção.

Nesta segunda parte da aula o observador distancia-se na sua relação com o grupo. Foi notado pelos alunos.

O término da aula foi dado mas os alunos ficam mais tempo voluntariamente e a aula é prolongada pela hora do almoço.

Outras turmas entram para assistir à aula sem qualquer perturbação para esta.

C. Dinâmica de comunicação

- Professor-alunos: o professor no início da aula dirige-se a todos os alunos o que só volta a acontecer na segunda parte da aula.
- aluno-aluno: há uma circulação intensa, organizada na primeira parte da aula. Na segunda parte da aula há uma circulação intensa, não organizada, motivada pela vontade de quererem participar todos ao mesmo tempo.

Verificam-se algumas discussões porque cada um quer liderar o processo. O professor não controla a comunicação entre os alunos porque estará atento à operação de fabrico; controla apenas os que estão mais próximo dele.

D. Aspectos predominantes da relação

- professor-aluno - o professor não pretende privilegiar ninguém, respondendo a todas as solicitações. Pediu para falarem mais baixo devido ao barulho que se fazia sentir. Promete-lhes a prova do mel no final da aula e eles parecem acalmar.
- aluno-aluno - há uma separação entre os dois sexos, embora comuniquem com alguma frequência. O sexo masculino participa mais activamente nas actividades.

E. Síntese

Falta de organização de tarefas na segunda parte da aula. Uma parte dos alunos não dispõe de material necessário para participar nas tarefas do campo. No entanto manifestam sempre interesse de participar na aula.

OBSERVAÇÃO: A sessão foi registada em video - recurso audio-visual utilizado frequentemente nessa Escola Secundária (Abrantes).

O professor observador (autor deste artigo) participou em todas as actividades desenvolvidas na aula.

F - Grelha de observação (7º ano de escolaridade) - Um exemplo

| Opinião sobre: | | | | | | | | | | | |
|-------------------------------|---|--------------|----|----|--------------|----|----|----------------|----|---------|----|
| Aprendizagem e Aproveitamento | | | | | | | | Relacionamento | | | |
| | | Aspectos (-) | | | Aspectos (+) | | | Asp (-) | | Asp (+) | |
| N. | S | AP | DC | FA | PT | FC | BA | MG | ND | IN | DI |
| 1 | m | | | | s | s | s | | | s | |
| 2 | | | | | | | | | | | |
| 3 | m | | | s | s | s | | | s | s | |
| 4 | | | | | | | | | | | |
| 5 | | | | | | | | | | | |
| 6 | | | | | | | | | | | |
| 7 | m | | | | s | s | s | | | s | s |
| 8 | | | | | | | | | | | |
| 9 | | | | | | | | | | | |
| 10 | f | s | | | | s | s | | | s | s |
| 11 | | | | | | | | | | | |
| 12 | | | | | | | | | | | |

N. - número do aluno

S - sexo (m - masculino; f - feminino)

AP - apático, desinteressado, preguiçoso

DC - dificuldade de aprendizagem

FA - fraco aproveitamento

PT - participativo

FC - facilidade de aprendizagem

BA - bom aproveitamento

s - indica a presença do factor.

MG - marginalizado

ND - indisciplinado

IN - integrado

DI - disciplinado

BIBLIOGRAFIA

Damas, M. J.; de Ketele, J.-M., (1985), *Observar para Avaliar*, Livraria Almedina: Coimbra

Estrela, Albano. (1986). 2ª edição. *Teoria e prática de Observação de Classes*. Instituto Nacional de Investigação Científica. Lisboa

Lakatos, Eva M.; Marconi, Marina A. (1985). *Fundamentos de Metodologia Científica*. Editora Atlas S.A.: S. Paulo

Lefèvre, Lucien. (1973). 3ª Edição. *Méthode d'Observation Psycho-Pédagogique*, Les Editions ESF: Paris

Mucchielli, Roger. (1974). *L'Observation Psychologique et Psychosociologique*. Les Editions ESF: Paris

estudentina

PAPELARIA * LIVRARIA

de: Francisco do Coito Quirino

TUDO PARA O ESTUDANTE

LIVROS ESCOLARES

MATERIAL DIDÁCTICO E DE ESCRITÓRIO

SEDE: Largo Escritor Manuel Ribeiro, 4 - **AGENTE «MOLIN»**

FILIAL: Rua de Mértola, 83-85 - (**Discoteca - Material de Som e Imagem**)

Telef. 22629

7800 BEJA